

As atividades náuticas em Curitiba (1886-1900)¹

The nautical activities in Curitiba (1886-1900)

Leonardo do Couto Gomes*

<https://orcid.org/0000-0002-8866-2054>

André Mendes Capraro**

<https://orcid.org/0000-0003-3496-3131>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir as experiências náuticas em Curitiba entre 1886 a 1900. Para alcançar o objetivo, as fontes utilizadas foram os jornais da capital paranaense durante o período investigado. É no primeiro parque da cidade, o Passeio Público, um ambiente arquitetado através de percepções vinculadas ao embelezamento e avanço urbano, que as dinâmicas foram desenvolvidas. Foi possível observar que as atividades náuticas se estruturaram a partir da ligação com as noções que valorizavam a saúde coletiva e o fortalecimento do físico, representando um ideário relacionado ao discurso progressista almejado para o desenvolvimento social e material de Curitiba.

Palavras-chave: História; Divertimentos; Curitiba; Atividades Náuticas; Remo;

Abstract

This article aims to discuss the nautical experiences in Curitiba between 1886 and 1900. To achieve the objective, the sources used were the newspapers of the capital of Paraná during the investigated period. It is in the city's first park, Passeio Público, an environment designed through perceptions linked to urban beautification and advancement, that the dynamics were developed. It was possible to observe that the nautical activities were structured from the connection with the notions that valued collective health and physical strengthening, representing an ideology related to the progressive discourse aimed at the social and material development of Curitiba.

Keywords: History; Amusements; Curitiba; Nautical Activities; Rowing;

¹ Essa pesquisa tem apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - bolsa de doutorado aluno nota 10.7

* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: gomesleo.ufpr@gmail.com.

** Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: andrecapraro@gmail.com.

Introdução

De acordo com Pereira e Bataglioni,² várias cidades do Brasil presenciaram o emergir de diversificados conjuntos de práticas corporais de divertimento ainda no decorrer do século XIX, e notaram sua presença de maneira mais intensa naquele fim de século. Essa incidência de experiências estariam, conforme aponta Melo,³ intimamente relacionadas com a organização de um mercado de entretenimento. Esse processo se relacionava a um conjunto de transformações urbanas ligadas, sobretudo, aos discursos progressistas⁴ proferidos em âmbito nacional, afim de efetivar o desenvolvimento estrutural do país.

Dessa forma, essas características e dinâmicas passaram a fazer parte do cotidiano de diversas cidades do Brasil. É possível localizar a formação de um mercado de diversões aliado a argumentações de ordem progressista em diversos lugares. Santos Junior⁵ ao explorar a então capital federal Rio de Janeiro, Santos⁶ a cidade de São Paulo e Karls⁷ sobre Porto Alegre, são alguns trabalhos que debateram essa perspectiva. Regiões para além do eixo sul-sudeste também apresentaram em período similar suas experiências de

² PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLIONI, Giandra Anceski. Across racecourses meadows of Pelotas-RS: southern horse racing in the transition from the 19th and 20th centuries. In: *Á sombra das chuteiras meridionais: Uma história social do futebol e outras coisas*, GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Editora Fi. 2021.

³ MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli-um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 20, 2020a.

⁴ Sobre o entendimento de progresso, estamos em sintonia com Azevedo. O autor abordou os sentidos e significados da noção no Brasil durante o império e primeiro república. De modo geral, para o autor, a expressão representava a tentativa de superar características consideradas ultrapassadas/obsoletas que, de certo modo, comprometiam o desenvolvimento material das cidades e de suas populações. Era, portanto, um discurso em prol de tudo que representasse o avançar da modernização urbana e seu estilo de vida. AZEVEDO, André Nunes de. *As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia*. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 13, n. 22, p. 69-88, 2016.

⁵ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. *A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)*. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁶ SANTOS, Flávia da Cruz. *Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁷ KARLS, Cleber Eduardo. *Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

diversão aliadas a tais discursos. Dias,⁸ e Dias e Souza⁹ exploraram essa relação em Manaus, Goiás e Mato Grosso ao perceber as peculiaridades do desenvolvimento de um leque de entretenimentos nesses locais.

No caso de Curitiba, cidade investigada neste artigo, segundo Melo e Gomes,¹⁰ pode-se dizer que a incidência dos divertimentos começou a ser mais notada após 1853, momento no qual a região ganha o título de província e o município passa a ser capital. Nesse contexto, é possível visualizar também a emergência da imprensa, que passou a abordar os acontecimentos cotidianos, entre eles os ligados com as recreações. A cidade, dessa forma, comparece alicerçada por um acentuado discurso modernizador, impulsionado pelo ar de capitalidade e principalmente pelo cultivo e comércio da erva-mate, abrindo portas para a aspiração de diversos elementos urbanos, inclusive aqueles voltados a conformação de espaços para diversões.¹¹

Amparada na produção e venda da erva-mate, Curitiba passava a transformar a sua malha urbana. Um trânsito de características rurais para outro urbanizado se assentava na cidade. Conforme sinaliza Bahls,¹² de 1850 a 1895, a urbe que possuía por volta de 40 quadras, redefiniria seu tamanho para mais de 120. O número de habitantes também passou neste mesmo período de 5.000 para cerca de 35.000. Molina¹³ enfatiza que, neste momento, distintas estruturas que simbolizavam os novos tempos eram planejadas e construídas na capital paranaense, como os avanços na infraestrutura urbana, notadamente no que tange o desejo por saneamento, iluminação, pavimentação, saúde, transporte público, educação e lazer. Nesse cenário, de acordo com Moraes e Silva,¹⁴ observa-se, inclusive, uma maior valorização e estruturação do comér-

⁸ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, c. 1866-1936. 7Letras, 2018.

⁹ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; SOUZA, Elisa Salgado de. Ciclismo e comércio em Manaus, 1898-1907. Revista de História Regional, v. 25, n. 2, p. 459-487, 2020.

¹⁰ MELO, Victor Andrade de; GOMES, Leonardo do Couto. Aos touros - A tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916). Diálogos, v. 25, n. 2, p. 237-261, 2021.

¹¹ GALERA, Izabella. Os parques do século XIX em meio a cidade contemporânea: um estudo comparativo entre o Passeio Público de Curitiba e o Parque Municipal de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

¹² BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

¹³ MOLINA, Ana Heloisa. "Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital": espaços de sociabilidades em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. História (São Paulo), v. 39, 2020.

¹⁴ MORAES e SILVA, Marcelo. Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

cio de artefatos luxuosos, especialmente aqueles advindos da Europa, junto de uma busca pela conformação de uma sociedade civil mais organizada, que desejava e necessitava expor publicamente seus símbolos de status e distinção.

Apesar dos desejos modernizadores que afloravam na capital paranaense, no que diz respeito as experiências de diversão, Curitiba ainda apresentavam um modesto mercado recreativo. A cidade, de acordo Lacerda,¹⁵ carecia de infraestruturas de lazer. Até meados da década de 1880 os principais pontos de encontro da cidade eram as praças, especialmente a da igreja matriz, onde os sujeitos além de assistirem as missas, passavam horas conversando e apreciando esparsos saraus musicais. Concomitante, como bem detalha Bahls,¹⁶ estava se iniciando a sociedade “*flâneur*”¹⁷ que necessitava e requisitava por mais largos e *boulevares* para realizar suas caminhadas – um discurso em prol da modernização e embelezamento dos espaços urbanos, especialmente os de diversão.

O progresso se afirmaria em Curitiba principalmente nos anos finais do século XIX e início do século XX. Pensando em promover homogeneidade urbana, a Câmara Municipal, apoiada no capital privado – essencialmente aquele proveniente da erva-mate que atingiria, nesse período, produções em escalas técnico-industriais e expandiria o seu comércio para os países da prata – pretendia acabar com as mazelas urbanas e suas áreas ociosas.¹⁸ Assim, um discurso de ornamentação da urbe se fortalecia. Em 1886, se edificava o Passeio Público de Curitiba, um símbolo local de progresso material que, de acordo com Molina,¹⁹ foi pensado e construído engenhosamente para o recreio. Nesse ambiente, ofertar-se-ia um pouco de tudo, e seria ali, segundo a mesma autora, que diversos desejos da vida em cidade como o “*flâneur*” se difundiriam. E entre os mais sortidos leques de atrações desse local, estavam também as experiências com as atividades náuticas.

¹⁵ LACERDA, Cassiana Lícia de. Passeio Público: Primeiro parque público de Curitiba. Do projeto de criação até a segunda gestão de Cassio Taniguchi. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 28, n. 126, ago. 2001.

¹⁶ BAHLS, op. cit.

¹⁷ O respectivo termo tem o sentido e significado de vivência e experimentação urbana. Conforme Menezes, é com o surgimento dos espaços públicos de diversão que se formula as figuras dispostas a usufruir dessa cena de rua. Assim, o flâneur constitui-se como um ator social e elemento central da urbanização. MENEZES, Marcos Antônio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur. Revista fato&versões, v. 1, n. 1, p. 64-81, 2009. Ver também BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. In: A modernidade de Baudelaire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹⁸ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Semeando iras rumo ao progresso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996.

¹⁹ MOLINA, op. cit.

Há que se destacar que as dinâmicas náuticas foram palco de análise de alguns estudos. Melo²⁰ dedicou a essas experiências variadas observações. O autor visualiza essas práticas como uma das primeiras atividades com características esportivas a ser difundida no Rio de Janeiro e no Brasil. Além disso, a autoria as aproxima como um símbolo importante na difusão de aspectos progressistas no país, notadamente aqueles ligados a um discurso de avançar material da sociedade urbana, saúde, higiene e fortalecimento corporal. Atributos similares também são detalhadas por Medeiros²¹ em São Paulo. Na capital paulista, de acordo com a autora, por meio de clubes náuticos, localizados especialmente as margens de rios como o Pinheiros e Tietê, práticas como o remo e natação ganhavam significados de inovadoras na promoção do esporte na cidade.

Em Porto Alegre, Silva,²² e Silva, Mazo e Tavares²³ ao explorarem a prática na capital riograndense, observam que os clubes náuticos foram importantes promotores de discursos ligados ao benefício dos exercícios físicos para a saúde, fortalecimento e modelamento dos corpos. Em Campinas, Musa, Medeiros e Soares,²⁴ também observam características similares, notadamente em torno das considerações de que o remo era sentido como uma prática benéfica para o bem-estar, principalmente pela sua realização ao ar livre.²⁵ Em Santa Catarina, em particular na capital Florianópolis, Moraes,²⁶ infere

²⁰ MELO, Victor Andrade. Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880). *Tempo*, v. 26, n. 1, p. 43-66, 2020b. MELO, Victor Andrade de. Da Revolta às regatas: o remo e a “reconstrução” de Niterói (1895-1904). *Almanack*, n. 26, 2020c.

²¹ MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Campinas, Campinas, 2021. MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, 2022.

²² SILVA, Carolina Fernandes da. O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

²³ SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon; TAVARES, Otávio. O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 40, p. 24-31, 2018.

²⁴ MUSA, Catharina Uliam; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SOARES, Carmen Lúcia. “Moços intrépidos ao leão da aventura”: O clube campineiro de regatas e natação e a vida ao ar livre (1918-1935). *Movimento*, v. 27, 2021.

²⁵ Para um intenso debate sobre as relações entre educação, cuidados do corpo e a vida ao ar livre, ver QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. O ideário de vida ao ar livre nas sociedades ginásticas teutobrasileiras (1880-1938). *Pro-Posições*, v. 30, 2019.

²⁶ MORAES, Cláudia Emília Aguiar. A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

que o remo teve importância direta no forjar de uma educação do corpo dos habitantes e do remodelamento de diversas paisagens da cidade e códigos de sociabilidade.

Como, então, teriam se estruturado as atividades náuticas na capital paranaense? Em terras curitibanas Bahls²⁷ e Moraes e Silva²⁸ dedicaram considerações ao divertimento, visualizando-o como um dos primeiros de Curitiba a ser realizado em um espaço formulado para diversão, contudo, nenhum estudo específico sobre o tema na cidade foi identificado.

Tendo em vista estas considerações iniciais, o presente artigo tem por objetivo discutir as experiências náuticas promovidas na cidade de Curitiba entre 1886 (momento em que localizamos o primeiro relato da prática) a 1900 (período em que notamos um declínio das atividades). Para alcance do objetivo, utilizaremos fontes²⁹ de jornais publicados em Curitiba durante o período investigado.

Com efeito, cabe uma breve apresentação dos impressos utilizados. O Dezenove de Dezembro foi o primeiro periódico publicado no Paraná, circulando por 36 anos, desde sua criação em 1854 até 1890, ano de encerramento de suas atividades editoriais. Com um perfil eclético, basicamente publicava sobre acontecimentos diversificados (política, economia, lazer e etc) da região, país e mundo.

Fundado em 15 de março de 1886 e extinto em 1930, o jornal A República, foi a primeira folha ligada aos preceitos republicanos na capital paranaense. Nele se divulgavam diversas aspirações ligadas ao ideário republicano, tais como os discursos de ordem política e cívica, de embelezamento e desenvolvimento urbano e civilização dos costumes.

Com breve circulação (1895-1896), o jornal A Tribuna se auto caracterizava como politicamente imparcial e tinha como ofício publicar todo e qualquer assunto útil aos interesses do povo da capital paranaense. Por fim, o jornal Diário da Tarde foi um órgão de tendência liberal e anticlerical. Circulou pelas ruas de Curitiba entre 1899-1940. Tinha como principal finalidade exigir do poder público posturas ligadas aos interesses liberais que visavam especialmente o progresso material da cidade e a modernização dos comportamentos em sociedade.

²⁷ BAHLS, op. cit.

²⁸ MORAES E SILVA, op.cit.

²⁹ Sobre as imagens utilizadas ao longo do texto, essas não tomaram sentidos de fontes e sim de ilustrações a respeito do cenário abordado.

Para análise das fontes jornalísticas, estamos alinhados com a proposta metodológica prescrita por Luca³⁰ que, ao falar especificamente sobre os periódicos, adverte que assim como com qualquer outra fonte, o historiador deve problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento. Além disso, carece considerar interferências das tendências dos veículos em relação as suas emissões, cabendo ao pesquisador, portanto, lançar percepções críticas sobre a fonte e ao contexto explorado, a fim de elaborar sua narrativa histórica. Ademais, destacamos que a imprensa curitibana, neste momento, como delimita Myskiw³¹ e Corrêa,³² já se apresentava como um importante lócus de divulgação pública, se afirmando, portanto, como uma veia rica para compreendermos os acontecimentos do cotidiano da cidade.

É importante salientar que temos ciência sobre os limites dos periódicos que priorizamos como fontes de pesquisa. Todavia, consentimos com Certeau,³³ no tocante a nenhuma pesquisa histórica ter possibilidade de se apropriar de todas as alternativas empíricas pesquisadas. Sendo assim, a partir do suporte empírico das fontes elencadas, vejamos como se estruturam as experiências náuticas em Curitiba.

O Passeio Público de Curitiba e as dinâmicas náuticas

Inaugurou-se com grande pompa o local destinado para passeio publico desta capital, e disso já devem ter ido os telegrammas para a corte.

Appladudimos a ideia, e achamos menos má a escolha do terreno, por ser um brejal que se pretende deseccar, e tornal-o util de imprestavel que antes era.³⁴

Como pontuamos na introdução, a história das primeiras experiências náuticas da capital paranaense está intimamente entrelaçada com a construção do primeiro parque público da cidade. Nas primeiras páginas do principal

³⁰ LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (org.), Fontes históricas. São Paulo: Editora Contexto. p. 111-153, 2005.

³¹ MYSKIW, Antonio Marcos. Curitiba, “República das letras”(1870/1920). Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 2, n. 3, 2008.

³² CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. Revista de Sociologia e Política, v. 17, n. 32, p. 139-158, 2009.

³³ CERTEAU, Michel. 1982. “Operação historiográfica”. Em A escrita da história, editado por Michel Certeau. Rio de Janeiro: Forense, p. 65-109, 1982.

³⁴ O Dezenove de Dezembro. 4 de mai. 1886, p.1.

jornal paranaense do período, O Dezenove de Dezembro,³⁵ estampava-se a notícia da inauguração do pioneiro Passeio Público de Curitiba. Com aplausos, a mídia local aparentava apreciar com bons olhos a formação deste espaço para recreio. Há que considerar, como bem destaca Corrêa,³⁶ que o referido periódico de tendência liberal estava em sintonia com os discursos progressistas almejados durante o período. Destaca-se ainda, no anúncio acima, a colocação de que o local onde o passeio foi construído era um terreno pantanoso e que nada de proveitoso se tirava dali. Tratava-se, portanto, de uma construção vantajosa ao desenvolvimento material³⁷ da capital paranaense.

A respeito da área onde foi edificado o Passeio Público, de fato, era um vasto terreno lamacento de 48 mil metros quadrados situado, naquele momento, ao norte da cidade (atualmente região central), banhado pelas águas do Rio Belém, que rotineiramente alagavam a região, espavorecendo os habitantes devido o odor e os miasmas provocados pelas águas paradas. Sobre esses fatos, estamos alinhados com Molina.³⁸ A historiadora visualiza que, ao se apropriar de tal espaço, o novo ambiente emergia como um símbolo útil para a transformação urbana e que as atividades ali difundidas também estariam imbuídas deste mesmo ideário.

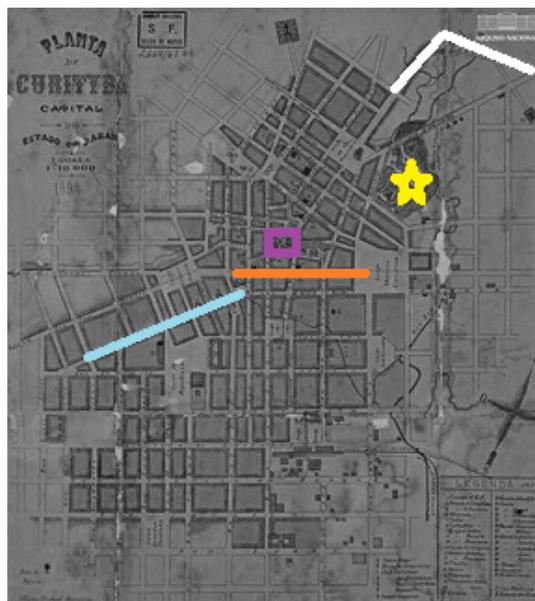
³⁵ Era editorado pelo carioca Candido Martins Lopes, que foi publicamente convidado a instalar uma tipografia na nova capital que se formava pelo próprio presidente da província, Zacarias Gois e Vasconcelos. Para maiores informações ver CARVALHO, José Luiz de. ENTRE PINHEIRAIS, NOVELAS E AQUARELAS. O Viajante John Henry Elliott e a Vila de Curitiba no Século XIX. Monografia (especialização em História do Brasil) Faculdades Integradas "Espirita, Curitiba, 2010.

³⁶ CORRÊA, op. cit.

³⁷ Para Azevedo, os avanços da engenharia são bons indicativos das transformações materiais articuladas e almejadas pelos discursos progressistas no país. Ver AZEVEDO, op. cit.

³⁸ MOLINA, op. cit.

Figura 1 – Planta de Curitiba, 1894.



A estrela amarela indica a área do Passeio Público de Curitiba.

O retângulo roxo identifica a Praça Tiradentes, marco central da cidade.

A linha laranja trata-se da Rua 15 de novembro, logradouro onde funcionou o Teatro Hauer, espaço utilizado para a promoção de diversas festividades entre 1891 e a década de 1930.

O traço azul claro representa a Rua Aquidaban (atual Emiliano Pernetta). Ponto de variados empreendimentos ligados aos divertimentos. O Colyseu Curytibano um parque de diversões famoso da década de 1900 e o Frontão Curytibano, casa especializada no jogo da pelota basca, são bons exemplos.

A linha branca trata-se da estrada da graciosa, importante trajeto que liga Curitiba ao litoral – e ao principal porto comercial, o da cidade de Paranaguá.

Fonte: Casa da memória. Curitiba/PR.

Apesar das aprovações iniciais, o Dezenove de Dezembro também se mostrava preocupado com a obra, principalmente em relação aos custos que gerava aos cofres do município.

O sr. Taunay, ideando e levando a efeito, ou antes iniciando e inaugurando apressadamente o Passeio Público da capital antes de estar elle concluído, teve em mira, como soe fazer todos os actos de sua vida, ganhar glórias e renomes, celebrisando-se como administrador activo, laborioso e empreendedor.

Não obstante, é nosso dever manifestar todo o nosso pensamento com alguns dos naturaes corollarios que dessa obra hão de provir.

Nada teríamos a dizer nenhuma palavras articularíamos contra os planos e execuções de s. ex. para os melhoramentos da cidade si os cofres provincial e municipal regorgitassem de numerarios; quando porem, todos sabem o estado de penuria de um e de outro, penuria de tal modo oppressiva que a camara e a provincia tem faltado ate aos seus solmnes e inadiáveis compromissos, não se justifica nem nos calaremos esses disprendios de mero luxo para obras, cuja manutenção só por si importam em quantiosas que presentemente a provincia, nem a camara podem dispensar.³⁹

À frente dos projetos arquitetônicos, estava o italiano João Lazzarini, nesse momento engenheiro da câmara municipal e encarregado pela edificação. Enquanto o responsável político pela empreitada era o então presidente da província, ligado ao partido liberal, o carioca Alfredo d'Escragno Taunay, que acelerou a construção para finalizá-la durante seu mandato (1885-1886) – com o propósito de colher as glórias da conclusão da obra. Em discurso o governante evidencia sua visão sobre a construção do parque:

A cidade de Curitiba ressent-se de uma grande falta, que já deveria ter sido motivo de algumas medidas por parte dessa Municipalidade: a de um passeio ou Jardim Público, que servindo à população de ameno e freqüentado logradouro, mostrasse a quantos procuram ou visitam esta localidade que ela compreende devidamente a importância de certos melhoramentos cuja ligação com a saúde e higiene gerais são hoje indiscutíveis e que nos centros de aglomeração de gente se tornam até indispensáveis.⁴⁰

Notemos que, na percepção do político, a obra era uma necessidade pública indispensável para a cidade. Esse ponto de vista observava a estrutura como uma importante possibilidade de melhorias para a saúde e higiene geral da população, e que só se efetivaria por meio de reformas em uma área que até então contava com características insalubres. Sobre esses pontos Lacerda⁴¹ observa que a construção do Passeio de fato apresentava avanços

³⁹ O Dezenove de Dezembro. 4 de mai. 1886, p. 1.

⁴⁰ Boletim do Arquivo do Paraná. v. 13, 1886, p. 40.

⁴¹ LACERDA, op. cit.

para a higiene pública, pois a estrutura remodelaria um espaço visto como foco de pestilências. Ainda, segundo a autora, foi por meio dos avanços da engenharia que a empreitada promoveu a condensação da vegetação e regularizou o escoamento das águas, que era o foco de preocupação com doenças.⁴²

A ideia/tentativa de construir um passeio na cidade não era inédita, assim como as perturbações devido a possíveis doenças promovidas por águas paradas. Em 1857,⁴³ três anos após a proclamação do Paraná como província e Curitiba como capital, debates a respeito da formação de um horto/jardim municipal já estampavam as páginas da jovem imprensa paranaense. Assim, como destaca Pereira,⁴⁴ passava-se a despontar discursos e projetos especialmente fundamentados nos empreendimentos já efetivados na Europa,⁴⁵ que viam nessas estruturas verdes um bom meio para elevar as condições da cidade e melhorar sua salubridade. Entretanto, nesse período, em virtude da falta de subsídios para esse fim, a obra não foi iniciada – mas o ideário já estava sendo formulado.

A respeito dos gastos que a imprensa se mostrou preocupada, pensando em reduzi-los, de acordo Benvenuti,⁴⁶ o terreno onde o passeio se edificou foi estrategicamente doado pelos comerciantes de erva-mate. Entre os nomes destacam-se Ildelfonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, um dos maiores proprietários de engenhos da planta na época, e seu colega de negócios Francisco Fasce Fontana, que, logo após a inauguração, passou a ser diretor do passeio. Para Hoerner Junior⁴⁷ as contribuições financeiras dos produtores de mate na construção do espaço foram decisivas. Sem eles, na percepção do autor, o poder público não teria verba suficiente para finalizar a obra antes do final do mandato de Taunay. Ao que tudo aponta, a elite ervateira desejava

⁴² Nesse período se imaginava que as doenças eram predominantemente transmitidas pelo ar, logo, locais eventualmente fétidos ganhavam conotação de miasmáticos. Para mais detalhes sobre questões de saúde pública em Curitiba, ver BERTUCCI, Liane Maria. “Saúde pública na capital paranaense, dos “bons ares” à febre tifoide.” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH, 2011.

⁴³ PARANÁ. Leis, Decretos e Regulamentos do Governo da Provincia do Paraná. 1857, p. 16-17.

⁴⁴ PEREIRA, op. cit.

⁴⁵ Segundo o historiador francês Georges Vigarello, a formulação de espaços verdes (jardins, praças, parques e etc) ganham, ao longo do século XVIII e principalmente em todo o século XIX na Europa, entonação de importantes elementos para uma melhor organização urbana das cidades, que cresciam vertiginosamente. Eram ambientes vistos como difusores de saúde e bem estar, seriam os “pulmões” das urbes, locais para respirar ar puro e saudável. VIGARELLO, Georges. História das Práticas de Saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa, Editorial Notícias, 1999.

⁴⁶ BENVENUTI, Alexandre Fabiano. “As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)” Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

⁴⁷ HOERNER JR., Valério. Ruas e histórias de Curitiba. Artes & Textos, 1989.

a construção de um belo jardim, um planejamento sabiamente arquitetado para valorizar suas propriedades recém construídas na região, além de evitar preocupações com insalubridades geradas pelo antigo pântano – algo frequentemente vivenciado pelos curitibanos.⁴⁸

Apesar das dúvidas iniciais quanto aos custos e melhorias promovidas com a execução de tamanha obra, de acordo com Bahls,⁴⁹ o passeio geraria benefícios para além de suas dependências e aos interesses ligados a elite eretateira – ainda que, notoriamente, as melhorias também lhes promovessem proveitos. A empreitada proporcionava o prolongamento de ruas próximas, como o caso da Rua do Serrito (atual Rua Presidente Carlos Cavalcanti), bem como a formação de outros logradouros (construiu-se a Rua Fontana, atualmente Presidente Faria). Além disso, finalmente seriam promovidas melhorias diretas a respeito da região pantanosa, viabilizando a canalização do local e evitando assim transtornos sanitários devido às enchentes e/ou águas paradas. Ademais, esse espaço se conformaria em um ambiente exclusivo de recreio, sendo uma ação que sofisticaria a cidade por meio da promoção de novas infraestruturas e comportamentos marcados por um ideário progressista que os pautavam como símbolos de novos tempos.

Em meio às incertezas, o primeiro parque de Curitiba foi inaugurado em 1886. Entre seu leque de possibilidades, destacavam-se diversas inovações, algumas marcadas pelo controle do homem perante a natureza, como a possibilidade de caminhar por cima de pontes e jardins em uma área que até então era pantanosa e insalubre. A imagem a seguir ilustra esse feito, ao retratar sujeitos em cima de uma passarela nos primórdios do funcionamento do Passeio.

⁴⁸ BAHLS, op. cit.

⁴⁹ BAHLS, op. cit.

Figura 2. Passarela no Passeio Público, 1886.



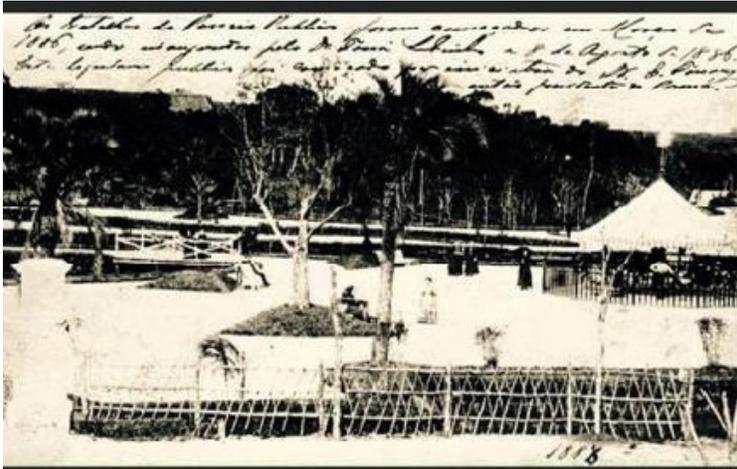
Fonte: Arquivo da Gazeta do Povo. Curitiba/PR.

Mas destaque mesmo ganhou o carrossel elétrico colocado no parque. Se tratava de um instrumento da maquinaria que trazia ar de tecnologia e novidade ao ambiente que proporcionava experiências singulares ligadas as percepções de velocidade e vertigem. A iluminação por meio da energia elétrica⁵⁰ – utilização ainda pouco comum na época –, era um importante componente e símbolo de modernização também presente no ambiente, mesmo que, não raro, detecte-se o uso de lampiões no local.⁵¹

⁵⁰ Para Sevcenko, a luz elétrica foi um dos principais instrumentos de modernização das cidades. Com ela a urbe passou a ser ainda mais explorada, sobretudo nos períodos noturnos. Ver SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁵¹ O Dezenove de Dezembro. 14 jan. 1887, p. 3.

Figura 3. Primórdios do Passeio Público, destaque para o carrossel a direita (1886).



Fonte: Arquivo Público do Paraná. Curitiba/PR.

O propósito delineado para o Passeio, conforme aponta Molina,⁵² era tornar o espaço um bem material para a cidade, reunindo ali diversos elementos tidos como benéficos para o avançar urbano. Nesse sentido, as experiências com divertimentos náuticos eram um importante sustentáculo, pois além de evidenciar todo um domínio da engenharia ao controlar a natureza, possibilitando deslizar nas águas de um ambiente até então inóspito, também proporcionava aos habitantes o contato com práticas que estavam ganhando conotação de novos tempos, como é o caso das esportivas.

Sevcenko⁵³ adverte que as práticas de diversão, especialmente as esportivas, já eram importantes artefatos de consumo em cidades europeias como Londres e Paris. Nessa esteira, os esportes chegam e se difundem no Brasil por meio de discursos que as vinculavam como sinais de prosperidade urbana e avanço dos costumes. Melo,⁵⁴ ao estudar as experiências náuticas na então capital nacional, Rio de Janeiro, é enfático ao visualizar essas atividades como uma das comemorações mais esperadas da urbanidade carioca. A ideia que se florava em terras fluminense, segundo o autor, era a de que os divertimentos poderiam ajudar no processo de renovação urbana. Em Curitiba as

⁵² MOLINA, op. cit.

⁵³ SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵⁴ MELOb, op. cit.

dinâmicas parecem estar em uma sintonia que caminha na mesma direção. O espaço escolhido para a realização nasceu justamente com a finalidade de remodelar a cidade, portanto, as práticas que seriam desenvolvidas nesse local deveriam trilhar o mesmo sentido.

Em uma crônica, o redator anônimo nos fornece detalhes de um dia de diversões no Passeio:

A tarde que esteve magnífica, convidava os passeantes, de modo que até noite, ainda via se no novo passeio diversos grupos percorrendo.

A banda de musica do 3º regimento tocando á espaços, a alegrava aquelle bairro que mais tarde ha de tornar-se um dos mais apesiaveis passeios.

Um bote e uma canoa, postos a disposição do publico, deslisavam pelas aguas dos canaes, percorrendo-os em todas as direcções.⁵⁵

A respeito do funcionamento do parque e realização de algumas atividades, conseguimos detectar que este ficava aberto todos os dias. As entradas eram francas – cobrava-se apenas o que se consumisse no ambiente. Tratava-se de um sistema de concessão de licença, a Câmara Municipal cedia aos contratantes a possibilidade de explorar comercialmente a estrutura, em troca de uma taxa do lucro. Nesse sentido, é provável que os remos e canoas disponíveis para deslizar nas águas do Passeio, inclusive, fossem cedidos pelo próprio poder público, que provavelmente cobrava alguma taxa da manutenção dos materiais. Infelizmente devido à ausência de relatos, essa é uma questão que não conseguimos identificar com maiores detalhes. Por ventura, até mesmo fossem embarcações similares as retratadas em uma imagem do parque anos mais tarde.

⁵⁵ O Dezenove de Dezembro. 4 de mai. 1886, p.2.

Figura 4. Embarcações, Passeio Público, década de 1920.



Fonte: Casa da memória. Curitiba/PR.

Existiam horários específicos para o inverno (das 10h às 17h) e para o verão (das 10h às 19h).⁵⁶ Os ingressos para usufruir das atrações eram cobrados e vendidos nas próprias dependências da estrutura. Uma taxa de 100 réis era necessária para desfrutar de 10 minutos no carrossel, a idade máxima permitida era 15 anos. Contudo, se levarmos em consideração o ineditismo do instrumento, não é improvável que adultos também se arriscassem em experimentar dessa curiosidade.

Já para praticar as atividades náuticas eram cobrados uma taxa de 1\$000 réis.⁵⁷ Comidas e bebidas também eram comercializadas no local. O valor cobrado⁵⁸ para deslizar sobre as águas era similar a outras atrações que vinham se conformando na cidade. O bilhete geral para as peças no Teatro Hauer custava 1\$000.⁵⁹ Via de regra, eram valores acessíveis para um amplo⁶⁰

⁵⁶ Ver relatório apresentado pelo Presidente da Província do Paraná Joaquim D’Almeida Faria Sobrinho. PARANÁ, relatórios de secretários de governo, 30 de out. 1886, p. 69.

^{57A} República. 17 de out. 1897, p. 4.

⁵⁸ Uma vassoura, artefato do cotidiano, custava 1\$200. Ver A Tribuna. 21 nov. 1895, p. 3; já um regador e a menor lata de erva mate custavam ambos 2\$500. Ver A República. 7 de jan. 1896, p.3; Diário da Tarde. 3 de abr. 1899, p.2. Nesse sentido, basicamente quem pudesse usufruir de artefatos básicos do dia a dia, de certo modo, poderia pagar pelos valores do carrossel e regatas.

⁵⁹ A República. 8 jan. 1896, p. 3.

⁶⁰ A título de comparação, um porteiro da câmara municipal ganhava 1:000\$000 reis e um arquivista da mesma estrutura 2:400\$000. Ver A República. 29 mar. 1896, p. 2.

extrato da população curitibana. No entanto, foi possível localizar certos requisitos de diferenciação societária. Existia uma exigência para o uso de vestimentas “decentes”.⁶¹ Esse fato pode ser um indicativo de certos traços de controle de quem era aceito ali, bem como de estratificação social. Tais ocorrências nos possibilitam ponderar que, ainda que o espaço nascesse com a possibilidade de ser um “jardim” especialmente para elite ervateira, também se tratava de uma estrutura com traços comerciais, cujo objetivo primordial é angariar público pagante, e que talvez sujeitos financeiramente mais abastados convivessem com outros de menores rendas. Lamentavelmente os relatos nos impressos não nos forneceu mais detalhes sobre quem eram os frequentadores do parque.

Com um espaço promissor e com um público aparentemente disposto a usufruir da dinâmica, deslizar sobre a água não demoraria para ganhar contornos competitivos, conforme evidencia uma nota jornalística:

REGATAS

Informam-nos que brevemente serão installadas as regatas no grande lago do Passeio Público, para cujo fim o director desde logradouro está se occupando da organização de um club especial. Será isso um novo e grande attractivo para aquelle centro, que desde já é o *rendez-vous* da nossa melhor sociedade⁶².

Na fonte é possível observar que o desejo era organizar um clube específico para regatas. O local das disputas era o único possível na cidade: o lago do Passeio. Contudo, de acordo com Bahls,⁶³ a falta de verba municipal – uma característica comum durante os tempos do império – freava a tentativa. Aliás, a falta de recurso foi uma constante nos primeiros anos do passeio, mas nem por isso o espaço deixou de ser usado pela população.

A abolição da escravidão (1888) e a proclamação da república (1889) estavam por vir. Como bem sinaliza Benvenuto,⁶⁴ essas conjunturas geraram modificações na estrutura administrativa do Estado, promovendo a institucionalização do trabalho livre, e a municipalidade passava a ter mais autonomia, podendo atuar de maneira mais efetiva nas transformações urbanas. O Passeio Público passaria a ter maiores investimentos e novas tentativas de realizar as regatas estavam a caminho.

⁶¹Idem.

⁶²O Dezenove de Dezembro. 25 de jan. 1888, p. 2.

⁶³BAHLS, op. cit.

⁶⁴BENVENUTTI, op. cit.

Se o tempo permitir e água existir, concorrerão as regatas

Junto do caminhar republicano, o passeio ganhou nova administração. Henrique Braescher⁶⁵ se tornou diretor do local, cargo ocupado entre 1890-1894, período em que um ciclo de promoção das regatas iniciaria no parque. Devemos ponderar que os anos iniciais da década de 1890 foi um momento conturbado para a capital paranaense, os surtos epidêmicos de febre tifoide em 1889 e 1891 e a Revolução Federalista (1893-1895) são bons exemplos desse decurso. De toda forma, essas circunstâncias fomentaram a aspiração e necessidade por reformas urbanas, além de aflorar os discursos ligados às prescrições de saúde coletiva e higiene, que não raro tinham os exercícios físicos como um importante aliado.⁶⁶

De fato, se tratou de um momento de avanço na malha urbana, inclusive do mercado recreativo. Além das regatas que, finalmente, começavam a dinamizar a cena pública, um hipódromo no ano final do século XIX fora inaugurado, assim como diversas casas do jogo da pelota basca⁶⁷ e patinação.⁶⁸ O esporte, como bem detecta Moraes e Silva⁶⁹ ao investigar a formação de um cenário esportivo na cidade, cada vez mais entrava em cena como um elemento proveitoso para modelar Curitiba como um centro urbano.

As regatas começavam a angariar interesse. O jornal *A República*⁷⁰ anunciava: “Domingo as quatro horas da tarde, deu princípio, as regatas no Passeio Público que estiveram animadíssimas”.⁷¹ Apesar desse dia de disputas ter se mostrado pela imprensa como animado, misteriosamente após esse evento os jornais locais só voltariam a relatar novas performances em 1895. Antes disso, somente na cidade litorânea de Paranaguá foram encontrados registros

⁶⁵ Infelizmente não foi possível localizar informações sobre a carreira cível deste sujeito.

⁶⁶ BERTUCCI, op. cit; GALERA, op. cit.

⁶⁷ Sobre a pelota basca em Curitiba, ver GOMES, Leonardo do Couto. *Revista Materiales para la Historia del Deporte*. 2022.

⁶⁸ A respeito das experiências com a patinação na capital paranaense, ver GOMES, LEONARDO et al. *Aprender a ser chíc: A patinação em Curitiba (1879-1916) - Uma experiência moderna*. Educação em Revista, v. 36, 2020.

⁶⁹ MORAES E SILVA, op. cit.

⁷⁰ A República tinha como redator o jornalista paulista Eduardo Mendes Gonçalves. Segundo Corrêa, o referido periodista não poupava críticas ou elogios a qualquer ato ou homem público. Tratava-se de fato de uma folha republicana que, conforme aponta a autora, via os elementos debatidos como contribuintes para o forjar da prosperidade material e social da capital paranaense. Logo não é de causar espanto os rotineiros anúncios sobre as experiências náuticas e sobre o Passeio Público. CORRÊA, Amélia. *Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

⁷¹ *A República*. 12 de jun. 1892, p. 2.

de eventos beneficentes e da fundação de um clube de regatas.⁷² Há algumas possibilidades para explicarmos tal ocorrência. Uma delas são os próprios surtos epidêmicos do período, assim como a revolução que estava por vir, o clima e a escassez hídrica ocorrida na época, além do mais elementar: um possível baixo interesse por parte da população em relação ao novo divertimento.

Em meados de 1895 é que os primeiros relatos mais detalhados de regatas nas dependências do Passeio foram abordados pela imprensa local. A República publicava o seguinte cartaz de divulgação:

GRANDES REGATAS NO PASSEIO PÚBLICO DE CURITYBA

De hoje 18 a 21 do corrente, até as 2 horas da tarde, recebe-se, no challet do dito Passeio, inscrições para as regatas que terão lugar domingo 22 do corrente á tarde, se o tempo permitir, e que constarão do seguinte:

1º PAREO – Premio – 35\$000

Canôa de um só remo contra um bóte de dous remos; inscrição – 20\$000

2º PAREO – Premio – 25\$000

Botes de dous remos – inscrição – 15\$000

3º PAREO – Premio – 20\$000

Botes de quatro remos – inscrição – 15\$000

4º PAREO – (de honra) – Premio – 40\$000

Botes de dous remos, movidos e dirigidos por moças, inscrição – 25\$000.

Juiz de partida – Deputado Leoncio Correia.

Juiz de chegada – Cidadão José Brito⁷³

Juiz da luta – Engenheiro Costard.

Musica exllente, botequim onde se encontrará, á preços razoaveis as melhores e puras bebidas e doces dos mais deliciosos.⁷⁴

O folhetim A tribuna⁷⁵ também anunciava a notícia com certo entusiasmo dizendo “Feliz ideia essa, que talvez vá levar áquelle logar, mais alguma

⁷² Ver, A República. 13 de out. 1894, p. 1.

⁷³ Não foram encontradas informações sólidas sobre quem seria esse sujeito.

⁷⁴ A República. 19 de set. 1895, p. 3.

⁷⁵ Seu editor chefe era o bacharel em Direito Sebastião Paraná, nome de destaque no magistério e política paranaense. Há que se pensar que o Passeio nascia e se conformava imbuído de um espírito inovador. Assim, é provável que noticiar sobre os acontecimentos em seu interior, fosse algo que gerava certa curiosidade no público leitor. Dessa forma, não é de estranhar a presença de relatos sobre o parque e suas atrações em periódicos de interesse diversos da capital paranaense. Para maiores informações sobre a trajetória pública do redator de A Tribuna, ver LEOPOLDINO, Maria Aparecida. Construção simbólica da região e invenção da identidade: sobre a narrativa didática de Sebastião Paraná. Revista de História Regional, v. 21, n. 2, 2016.

animação”.⁷⁶ Observemos detalhes importantes a respeito da divulgação: a característica ligada ao clima era um alerta importante. O trecho “Se o tempo permitir” passaria a ser constante nas chamadas para disputas. Apesar dos avanços de canalização hídrica do Passeio, os canais nesse momento não eram tão vantajados como os da Baía de Guanabara na capital federal, ou vastos como o litoral paranaense já utilizado para regatas em Paranaguá. Na verdade, eram sinuosos, característica pouco conveniente para a prática de atividades náuticas.

Ainda assim, as disputas ocorreram em Curitiba e seguiram certos parâmetros organizacionais similares aos tradicionais clubes de regatas da capital carioca,⁷⁷ e das competições com características esportivas realizadas nos rios de São Paulo.⁷⁸ Um desses padrões é a presença de juízes (um sinal, inclusive, pela busca de assegurar o resultado e equidade, características, aliás, preconizadas pelo Esporte moderno),⁷⁹ sendo estipulados para cada momento da disputa. Entre os nomes divulgados, ênfase para os sujeitos de carreira política e profissões liberais, como o caso do deputado e escritor Leôncio Correia e do engenheiro João Henrique Costard.

Observemos também que inscrições eram cobradas e premiações eram oferecidas. Para a competição, botes e canoas eram as embarcações preferencialmente utilizadas (talvez fossem os mesmos instrumentos já disponíveis em experiências anteriores). A respeito dos valores cobrados no anúncio acima para participar das competições e de suas premiações, tratavam-se de preços maiores que os de outras diversões na cidade. Assistir e apostar em um cavalo nas competições de turfe, custava 3\$000,⁸⁰ ver uma disputa entre praticantes de Pelota Basca no camarote 5\$000.⁸¹ Por fim, cabe o destaque para o quarto e último páreo, o qual seria realizado por moças. Em uma crônica anônima, vejamos o desenrolar desse dia de disputas:

⁷⁶ A Tribuna. 19 de set. 1895, p. 2.

⁷⁷ Para maiores detalhes sobre o remo no Rio de Janeiro, ver MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 2, n. 3, p. 49-66, 2015.

⁷⁸ Sobre as experiências competitivas realizadas nos rios da capital paulista, e um debate sobre seu lado esportivo, ver MEDEIROS, Daniele Cristina Carquejeiro de. Dos desafios aquáticos ao estabelecimento de recordes: aproximação e distanciamento entre práticas esportivas e os rios da cidade de São Paulo (1899-1949). Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 42, 2020.

⁷⁹ Para mais detalhes sobre as diversas características que marcam o Esporte moderno, ler GUTTMANN, Allen. From ritual to record: The nature of modern sports. Columbia University Press, 2004.

⁸⁰ Dezenove de Dezembro. 7 de mai. 1896, p.3.

⁸¹ A República, 20 set. 1896, 3.

Apenas dous pareos correram; alguns amadores apenas disputaram a victoria de carreira e os applausos populares. Mas esteve uma festa magnifica. E domingo proximo, então tudo mais regularizado, musica, inscripção, *poules* etc. as regatas offerecerão mais interesse, e o publico, que ante-hontem affluio ao Passeio, não há de ter occasião de arrepende da animação dispensada ao inicio do agradável passa-tempo.⁸²

Ao que parece, apesar da animação com os entusiastas que compareceram, poucos foram os páreos. Apenas dois foram disputados, sinal de que a procura foi menor do que a oferta, visto que, ao que aparenta, nem mesmo as moças competiram. Talvez, a suposta disputa feminina não passasse de uma estratégia para chamar atenção e angariar público. Pode ser também que o preço não tenha sido atrativo, ou simplesmente a população não demonstrava interesse pelo passatempo. Ademais, é necessário pensar que remar não era uma atividade simples para os curitibanos. Exigia, além do contato com artefatos pouco comuns para uma cidade não litorânea, todo um domínio de gestos físicos inéditos que, conforme aponta Moraes e Silva,⁸³ não raro geravam estranheza a população até então acostumada com modalidades as quais o esforço era do animal, como o caso do turfe. Por fim, observa-se uma menção a eventuais *poules*, nomenclatura referente ao ato de apostar na época. Sobre essa possibilidade, nada foi novamente encontrado, pois se tratava, inclusive, de um hábito que sofreria posteriormente duras críticas quanto a sua moralidade e seus benefícios para uma cidade que almejava se postular como um grande centro.⁸⁴

Eventuais competições entre mulheres não foram mais localizadas, todavia, sua presença nas dependências do parque era comum, inclusive como espectadora das regatas que, segundo o relato jornalístico, se misturavam com as flores do passeio.

REGATAS

Ante hontem, (que bella e límpida tarde!) o nosso formoso Passeio Publico confundia as suas flores com as flores da nossa sociedade. Uma profusão de *toillettes* variadas, de cores diversas, ferindo o espaço de notas alvas, vermelhas, azues, violaceas etc, confundia-se entre a folhagem verde, sob a casta placidez daquelle céo puríssimo.

⁸² A República. 24 de set. 1895, p.1.

⁸³ MORAES E SILVA, op. cit.

⁸⁴ MELO; GOMES, op. cit.

Um movimento desusado notava-se no aprazível logradouro. Agglomerava se, em linha, ao longo do poético lago do Passeio, uma multidão imensa para assistir as regatas.⁸⁵

Com os seus magníficos *toilettes*, a presença feminina⁸⁶ ganhava destaque nas dependências do Passeio. Ainda que com ênfase a sua beleza, centrada em sua aparência e vestimentas, o relato é um indício da maior frequência das mulheres na cena pública que, por sinal, nas palavras de Trindade, tiveram nos momentos de diversão um singular avanço:

O lazer é responsável por uma invasão feminina dos espaços da cidade. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segregara nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despender seu tempo livre nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculos, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos.⁸⁷

O Passeio Público, por meio do contato com a natureza, com o ar puro e as atividades ali ofertadas, se tornava para a cidade e sua população um importante espaço de sociabilidade e de valorização das práticas físicas. Segundo Moraes e Silva, Quitzeu e Soares,⁸⁸ a estruturação do Parque teve impacto na difusão do apreço pelo exercício físico. Os autores destacam que, nessa altura, exercitar-se estava aliado a um discurso de caráter médico progressista, e se tornava, aos olhos do poder público da capital paranaense, um importante combatente às mazelas do corpo. Pode-se dizer também que era considerado um bem necessário para formular um estilo de vida urbano já avistado em

⁸⁵ A República. 24 de setembro. 1895, p.1.

⁸⁶ Adverte-se que o comparecimento da mulher na cena urbana nesse momento em Curitiba não se tratava de um caso específico do Passeio Público. Como bem observa Priori, com a modernização e aumento das ofertas culturais e artística na cidade, a presença feminina era progressivamente visível, inclusive, necessária para a sustentação do consumo desse mercado de entretenimento que crescia. PRIORI, Claudia. Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do século XX). História: Questões & Debates, v. 65, n. 1, p. 359-384, 2017.

⁸⁷ TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. Projeto História, v. 13, p. 109-120, 1996.

⁸⁸ MORAES E SILVA, Marcelo.; QUITZAU, Evelisa Amgarten; SOARES, Carmen Lucia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). Educação e Pesquisa, v. 44, n. e178293, p. 1-23. 2018.

grandes centros da Europa, onde a prática de exercícios era observada como um bem comum para a vida em sociedade.⁸⁹

Os divertimentos de caráter físico passaram a ser cobrados no Passeio por parte da Câmara Municipal, conforme reforça os termos de um contrato de concessão:

A Camara Municipal concede ao cotractante Antonio Matheus Dias Fernandes, pelo praso de tres annos, a conta do dia 1º Maio proximo, o direito de estabelecer dentro do Passeio, todos os divertimentos públicos permittidos por Lei, como sejam; Tiro ao alvo, bicyclettes, gymnastica, jogos malabares e atheticos, boliche, cricket, foquet, fantoches, *regatas*, corrida á pé, luta romana, florete, esgrima, natação e outros divertimentos para a instrucção physica e distração da mocidade, não podendo absolutamente, sob pena de multa e recisão d'este contracto, estabelecer com a denominação dos divertimentos acima citados, outros contrarios á moral e bons costume.⁹⁰

Entre os vários passatempos vistos como benéficos para o melhoramento físico e distração da mocidade, um bem moral ligado aos bons costumes estavam na percepção do poder público: as regatas. Sobre os outros entretenimentos, não sabemos ao certo se realmente foram ofertados no parque. De todo modo, essas práticas localizadas abrem a possibilidade para futuros estudos, a fim de melhor compreendermos suas eventuais experiências e peculiaridades na cidade em questão, além de reforçarem a ideia de que as atividades físicas ganhavam conotação de importantes instrumentos de consumo.

Na sequência, o contrato dizia “O contractante concede uma vez por semana, entrada gratuita a todas as escolas públicas da Capital, afim de exercitar as crianças nos exercícios de musculatura”.⁹¹ Notemos uma preocupação com a presença de crianças, especialmente os escolares nas dependências da estrutura, um indício de que o reconhecimento de se exercitar por meio de divertimentos físicos como um elemento de educação e fortalecimento

⁸⁹De acordo com Vigarello, ao retratar as experiências europeias – especificamente em Paris –, ao longo do século XIX se intensificaria um discurso médico que atribuía aos divertimentos físicos, entre eles os esportivos, conotações de artefatos avançados para o desenvolvimento da urbe, e principalmente como elemento vantajoso para a poluição desenvolver hábitos saudáveis. VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: VIGARELLO, Georges. (Org.). História do corpo. Rio de Janeiro: Vozes, v.1, 2008, p.303-400.

⁹⁰A República. 1 de mai. 1896, p. 1.

⁹¹Idem.

do corpo já ganhava traços de utilidade para o meio escolar⁹². Tratava-se da elaboração, segundo Moraes e Silva,⁹³ de uma percepção de que as atividades físicas promoveriam um benefício para toda a população, inclusive infantil.

Os exercícios físicos, com a chegada do século XX no Brasil, ganhariam entonações ainda mais agudas de novos tempos, e em Curitiba não foi diferente. Eram considerados artifícios úteis para o melhoramento físico e como símbolo de progresso – como o caso das práticas esportivas.⁹⁴ Nessa esteira, houve novas tentativas da formação de um clube de regatas na cidade que tentaria promover eventos no lago do Passeio.

CLUB DE REGATAS CURITYBANO

Domingo – 23 – Domingo

Inauguração do Club ás 4 horas da tarde.

Grandes Regatas no Lago do Passeio Publico

1º Pareo Esperança. Botes á 4 remos.

2º Pareo, Juvenal. Botes a 2 remos para um remador.

3º Pareo, Bouque. Botes a 2 remos para dois remadores;

4º Pareo, Violetas, Botes á 4 remos.

Pede-se o comparecimento dos sr.s socios ás 2 horas da tarde de Domingo no Chalet do Passeio a fim de proceder-se á eleição da directoria e tratar-se de mais negocios concernentês ao publico.⁹⁵

A respeito de quem eram os sujeitos dispostos a gerir tal organização, nada foi constatado. O clube, na verdade, não teve vida longa. O motivo, ao que parece, era uma dificuldade que já era sentida antes mesmo da inauguração: a ausência de água. Essa adversidade é visualizada na publicação do jornal *Diário da Tarde*⁹⁶: “Devido a não haver agua sufficiente no lago do Passeio Público, não se realizaram alli regatas, annunciadas para hontem, que devem agora ter logar em próximo domingo”.⁹⁷ Nem mesmo conseguimos localizar se a entidade promoveu algum evento. O que sabemos é que o desejo existiu, e uma tentativa foi planejada.

⁹²Para maiores informações sobre os exercícios físicos nas escolas paranaense, notadamente os esportivos, ver, Moro (2022).

⁹³MORAES E SILVA. op. cit.

⁹⁴SEVCENKO. op. cit.

⁹⁵A República. 23 de abr. 1899, p. 1.

⁹⁶Entre seus redatores passaram diversos nomes de significado no mundo das letras paranaense tais quais, Ermiliano Leão, Nestor Victor e Dario Vellozo.

⁹⁷DIÁRIO DA TARDE. 24 de abr. 1899, p. 1.

No ano seguinte os jornais relatariam um episódio beneficente que seria promovido pelo “antigo” clube de regatas que teria funcionado no Passeio, sinal de que a empreitada já estava em desuso. “Consta-nos que o antigo grupo de regatas que funcionou no Passeio Público, vai se reorganizar afim de beneficiar o Azylo de Orphãos.”⁹⁸

Aconteceram outras tentativas de eventos com características similares que, inclusive, lograram algum interesse,⁹⁹ como um em benefício da sociedade protetora dos animais. Entretanto, os problemas de infraestrutura e naturais, notadamente devido aos canais não serem vastos e profundos suficientemente, além do clima chuvoso pouco propício, sempre ameaçaram as experiências com as atividades náuticas em Curitiba. Todavia, mesmo com as limitações, a iniciativa contribuiu para o forjar de um discurso progressista que valorizava o desenvolvimento material da cidade e dos costumes da sociedade curitibana, principalmente por meio da construção de espaços de divertimentos, aliados às ideias de benefícios para a modernização urbana e melhoramento da saúde através do fortalecimento do físico.

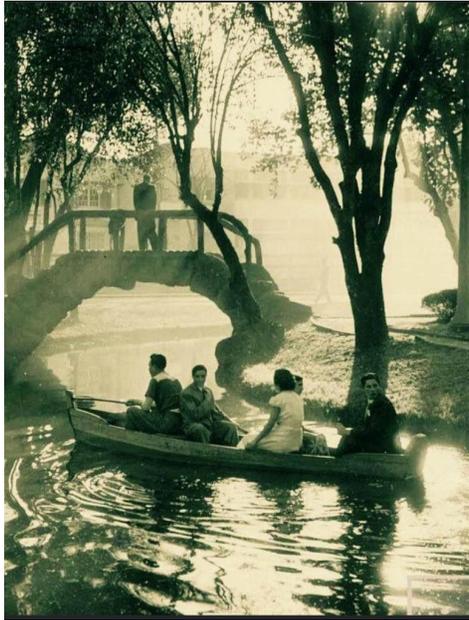
As experiências náuticas, sobretudo as de caráter competitivo, voltariam a ser organizadas em Curitiba, especialmente na administração do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916), visto que promoveria uma ampliação dos espaços hídricos do parque e de outros ambientes da cidade.¹⁰⁰ Deslizar sobre as águas do Passeio Público por meio de remos e canoas ainda seria possível quando a água existisse e o tempo permitisse até meados dos anos 1960, quando os pedalinhos entrariam como novidade.

⁹⁸ DIÁRIO DA TARDE, 27 e 28 de mar. 1900, p.1.

⁹⁹ A República. 9 de set. 1902, p. 2.

¹⁰⁰ BAHLIS. Op. cit.; BENVENUTTI. Op. cit.

Figura 5. Parque Passeio Público, passeio de canoa década de 1920



Fonte: Arquivo Gazeta do Povo. Curitiba/PR.

À guisa de considerações finais

As atividades náuticas em Curitiba tiveram as suas experiências iniciais realizadas no primeiro parque público da cidade, o Passeio Público, local pensado e construído imbuído em discursos ligados aos ideais de embelezamento urbano, progresso material da cidade e costumes da população relacionados a higiene e saúde. Forjado, portanto, como um espaço símbolo de recreio, e representando um verdadeiro domínio do homem perante a natureza por meio dos preceitos da cientificidade e da engenharia. Logo, as atividades ali desenvolvidas deviam trilhar os mesmos caminhos.

Nesse sentido, consideramos que as dinâmicas náuticas se estruturaram articuladas as ideias de modernização urbana que valorizavam a saúde coletiva e o fortalecimento do físico por meio do exercício físico, sendo representações do mesmo ideário progressista pensado para o parque e cidade durante o período em tela.

Contudo, o tempo pouco propício da capital paranaense, aliado aos reduzidos recursos hídricos, impediriam a continuidade das dinâmicas que só viriam a se estabelecer após novas reformas nos canais fluviais da cidade. De toda forma, o anseio de realização e manutenção da atividade existiu, e as representações ao seu entorno são bons indicativos das ideias ligadas a prosperidade urbana e social que se articulavam em Curitiba, inclusive em torno dos divertimentos – uma evidência do quanto essas práticas podem ajudar a lançar olhares inéditos sobre a história da cidade, lazer e esportes nos mais distintos contextos.

Referências

AZEVEDO, André Nunes de. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 13, n. 22, p. 69-88, 2016.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. “As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)” Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. “Saúde pública na capital paranaense, dos “bons ares” à febre tifóide.” *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*. 2011.

CARVALHO, José Luiz de. ENTRE PINHEIRAIS, NOVELAS E AQUARELAS. O Viajante John Henry Elliott e a Vila de Curitiba no Século XIX. Monografia (especialização em História do Brasil) Faculdades Integradas “Espirita, Curitiba, 2010.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. *Revista de Sociologia e Política*, v. 17, n. 32, p. 139-158, 2009.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, c. 1866-1936. *7Letras*, 2018.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; SOUZA, Elisa Salgado de. Ciclismo e comércio em Manaus, 1898-1907. *Revista de História Regional*, v. 25, n. 2, p. 459-487, 2020.

GALERA, Izabella. Os parques do século XIX em meio a cidade contemporânea: um estudo comparativo entre o Passeio Público de Curitiba e o Parque Municipal

de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GUTTMANN, Allen. From ritual to record: The nature of modern sports. Columbia University Press, 2004.

HOERNER JR., Valério. Ruas e histórias de Curitiba. Artes & Textos, 1989.

KARLS, Cleber Eduardo. Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LACERDA, Cassiana Lícia de. Passeio Público: Primeiro parque público de Curitiba. Do projeto de criação até a segunda gestão de Cassio Taniguchi. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 28, n. 126, ago. 2001.

LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: C. Pinsky (org.), Fontes históricas. São Paulo: Editora Contexto. 2005, p.111-153.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. Dos desafios aquáticos ao estabelecimento de recordes: aproximação e distanciamento entre práticas esportivas e os rios da cidade de São Paulo (1899-1949). Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2020, v. 42.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Campinas, Campinas, 2021.

MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 2, n. 3, p. 49-66, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli-um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). Revista Brasileira de História da Educação, v. 20, 2020a.

MELO, Victor Andrade. Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880). Tempo, v. 26, n. 1, p. 43-66, 2020b.

MELO, Victor Andrade de. Da Revolta às regatas: o remo e a “reconstrução” de Niterói (1895-1904). Almanack, n. 26, 2020c.

MELO, Victor Andrade de; GOMES, Leonardo do Couto. Aos touros - A tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916)’. Diálogos, v.25, n.2, p.237-261, 2021.

MOLINA, Ana Heloisa. “Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital”: espaços de sociabilidades em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. História (São Paulo), v. 39, 2020.

MORAES, Claudia Emília Aguiar. A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932). 278p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

MORAES e SILVA, Marcelo. Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MORAES E SILVA, Marcelo.; QUITZAU, Evelisa Amgarten; SOARES, Carmen Lucia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). Educação e Pesquisa, v. 44, n. e178293, p. 1-23. 2018.

MORO, Vera Luiza. A CULTURA FÍSICA NA ESCOLA NORMAL DO PARANÁ: DA GYMNASTICA AOS PRIMEIROS JOGOS E ESPORTES (1882-1930). Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

MUSA, Catharina Ulian; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SOARES, Carmen Lúcia. “MOZOS INTRÉPIDOS A BORDO DE LA AVENTURA”: EL CLUB CAMPINERO DE REGATAS Y NATACIÓN Y LA VIDA AL AIRE LIBRE (1918-1935). Movimento, v. 27, 2021.

MYSKIW, Antonio Marcos. Curitiba, “República das letras”(1870/1920). Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 2, n. 3, 2008.

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Ancesi. Across racecourses meadows of Pelotas-RS: southern horse racing in the transition from the 19th and 20th centuries. 2021.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Semeando iras rumo ao progresso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1996.

PRIORI, Claudia. Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do século XX). História: Questões & Debates, v. 65, n. 1, p. 359-384, 2017.

QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. The outdoor-life ideal in German-Brazilian gymnastics societies (1880-1938). Pro-Posições, Campinas, v. 30, e20170019, 2019 .

SANTOS, Flávia da Cruz. Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2017.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2017.

SILVA, Carolina Fernandes da. O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon; TAVARES, Otávio. O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 24-3, 2018.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. Projeto História, v. 13, p. 109-120, 1996.

Artigo recebido para publicação em 01/04/2022

Artigo aprovado para publicação em 07/07/2022